

RAÍZES ENTRELAÇADAS: entre rios, frutos e resistências

Alice Watson Queiroz[1]
Izabel Cavalcanti Ibiapina Parente[2]
Glauco Vaz Feijó[3]
Cristiane Batista Salgado[4]

RESUMO: O presente trabalho apresenta o processo de produção do Projeto Integrador "Raízes Entrelaçadas: entre rios, frutos e resistências", desenvolvido por estudantes e docentes do Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Brasília (IFB). O projeto visibilizou o protagonismo feminino e as histórias de resistência de mulheres de duas comunidades tradicionais: quebradeiras de coco babaçu e mulheres ribeirinhas de Tocantinópolis (TO). Por meio de entrevistas em profundidade e produção de documentário, evidenciou-se como o trabalho extrativista coletivo constitui ferramenta de emancipação e enfrentamento de desigualdades de gênero, raça e território. O projeto conclui que ampliar a voz dessas mulheres contribui para a descolonização do saber e insere o debate de gênero no centro das discussões sobre a crise climática.
Palavras-chave: projeto integrador; quebradeiras de coco babaçu; mulheres ribeirinhas; protagonismo feminino; educomunicação

ABSTRACT: This paper presents the production process of the Integrative Project "Entwined Roots: Between Rivers, Fruits and Resistances", developed by students and professors of the Technical High School Course in Events at the Federal Institute of Brasília (IFB). The project highlighted female protagonism and histories of resistance among women from two traditional communities: babaçu coconut breakers and riverside women from Tocantinópolis (TO). Through in-depth interviews and documentary production, it was shown that collective extractive work constitutes a tool for emancipation and resistance against gender, race, and territorial inequalities. The project concludes that amplifying these women's voices contributes

[1] bacharel em Comunicação Social — Jornalismo; mestre em Turismo e doutoranda em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do IFB — Campus Brasília desde 2020, do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer. E-mail: alice.watson@ifb.edu.br

[2] bacharel em Ciências Sociais (com habilitações em Antropologia e Sociologia) e licenciada em Sociologia. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do IFB — Campus Brasília. E-mail: izabel.parente@ifb.edu.br

[3] bacharel e licenciado em Ciências Sociais, especialista em Epistemologias do Sul, mestre e doutor em História. Professor de Sociologia no IFB. E-mail: glauco.feijo@ifb.edu.br

[4] bacharel e licenciada em Geografia e doutora em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB, 2018). Docente do Instituto Federal de Brasília. E-mail: cristiane.salgado@ifb.edu.br

to the decolonization of knowledge and places the gender debate at the center of climate crisis discussions.
Keywords: integrative project; babaçu coconut breakers; riverside women; female protagonism; educommunication

Introdução

O projeto "Raízes Entrelaçadas: entre rios, frutos e resistências" nasceu em 2025 na componente curricular Projeto Integrador do Curso Técnico em Eventos Integrado ao Ensino Médio do IFB Campus Brasília, a partir do tema "Povos Tradicionais". A escolha do objeto de estudo — mulheres quebradeiras de coco babaçu e mulheres ribeirinhas — foi motivada pelo pertencimento identitário de duas integrantes da equipe, que têm avós quebradeiras, e pelo desejo coletivo de investigar o protagonismo feminino em contextos frequentemente marcados por violência de gênero, isolamento social e invisibilização midiática. Conforme aponta Krenak (2019), há saberes e modos de vida tradicionais capazes de "adiar o fim do mundo", e as mulheres dessas comunidades estão na linha de frente dessa resistência.

Nesse contexto, o projeto buscou realizar uma pesquisa interdisciplinar sobre mulheres ribeirinhas e quebradeiras de coco babaçu, visibilizando suas culturas, saberes e formas de resistência diante das desigualdades sociais e das mudanças climáticas, por meio da produção de um documentário construído em parceria com as comunidades envolvidas.

A componente, composta por 17 jovens do 1º, 2º e 3º ano, iniciou em março com o estudo dos povos tradicionais. Segundo o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Povos e Comunidades Tradicionais (PCT) são grupos culturalmente diferenciados que possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica e, por isso, atuam na conservação da biodiversidade brasileira. Dos 28 segmentos desses povos, a turma fez um recorte voltado a povos ribeirinhos e quebradeiras de coco, por terem, dentro do grupo, duas netas de quebradeiras. Além disso, propôs-se investigar PCT que não são amplamente retratados pela mídia, ao contrário dos indígenas e dos quilombolas.

O recorte de gênero foi introduzido após a exibição do documentário "Manas", que trata da exploração sexual de crianças e adolescentes em comunidades ribeirinhas do Marajó. A partir dessa temática, o grupo aprofundou-se na interseccionalidade presente nas comunidades de quebradeiras de coco babaçu, considerando questões de raça, gênero, classe e território. A leitura de artigos e reportagens sobre as quebradeiras revelou múltiplas formas de violência a que estão sujeitas — desde o impedimento de acesso aos babaçuais por fazendeiros

até situações de violência doméstica —, mas evidenciou também o quanto a colheita e a quebra do coco em coletivos femininos se constituem como ferramentas de empoderamento para enfrentar violências e lutar por cidadania.

Após a pesquisa bibliográfica, foi organizada uma viagem de campo para um destino que reunisse comunidades de quebradeiras de coco babaçu e mulheres ribeirinhas. Durante a Feira dos Povos do Cerrado, de 10 a 13 de setembro de 2025, foram realizadas as primeiras entrevistas do documentário. A riqueza do contato levou a equipe, com o apoio das mulheres conhecidas no evento, a deslocar-se para Tocantinópolis (TO), onde encontraram os dois grupos pesquisados, alojamento na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e contato com a Associação de Quebradeiras de Coco de Axixá-TO.

A viagem foi realizada entre 1 e 6 de outubro de 2025, viabilizada por ações de captação de recursos e apoio da assistência estudantil. A organização da pesquisa de campo — alojamento, programação, agendamento de entrevistas e alimentação — integrou o conteúdo da área técnica ministrado na componente. A jornada incluiu visita à Cooperativa de Pescadores, onde foram entrevistadas mulheres ribeirinhas, além de comunidades de quebradeiras em Tocantinópolis e em Axixá, totalizando 13 entrevistas com mulheres. A técnica de captação utilizada foi a da educomunicação, que busca na produção audiovisual um processo educativo em que os sujeitos aprendem a se comunicar e a ler criticamente o mundo.

Essa experiência de campo foi orientada, ainda que intuitivamente, por uma concepção de aprendizagem que Tim Ingold (2019) denomina "aprender com" — em contraposição ao "aprender sobre". Para Ingold, o conhecimento genuíno não se transmite de fora para dentro, mas emerge do engajamento corporal, afetivo e situado com pessoas, lugares e práticas. Os estudantes não foram a Tocantinópolis para registrar uma realidade distante: foram para se deixar ensinar por ela.

Segundo o neurocientista Stanislas Dehaene (2022), o aprendizado é guiado por quatro pilares: atenção, engajamento ativo, feedback e consolidação — indicando que o cérebro aprende por meio da participação ativa e da experimentação. O conhecimento produzido durante a viagem nasceu do diálogo e da leitura crítica de mundo (Freire, 1974), sendo construído de forma coletiva e intersubjetiva (Maturana; Varela, 1987), configurando uma experiência de educar pela pesquisa (Demo, 2003) em que o aluno é sujeito, e não objeto de ensino.

Segundo o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins (MIQCB), existem mais de 400 mil quebradeiras de coco no Brasil, espalhadas pelos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Para essas mulheres, a

palmeira de babaçu é tida como mãe: "somos filhas da mãe palmeira". Todas as suas partes são aproveitadas para a produção de azeites, sabonetes, artesanato e alimentos. Em todas as entrevistas realizadas, essa relação de proximidade com a palmeira ficou evidente no modo como as quebradeiras se referem a ela com afeto.

A análise das trajetórias dessas mulheres não pode prescindir de uma abordagem interseccional, uma vez que suas experiências de opressão e resistência são atravessadas simultaneamente por marcadores de gênero, raça, classe, geração e território (Carvalho; Macedo, 2019). O trabalho extrativista do babaçu, embora constitua fonte de renda e autonomia, está historicamente associado à pobreza, à invisibilização e à divisão sexual do trabalho.

Além disso, a questão fundiária — agravada pela herança escravocrata e pela concentração de terras — atinge essas mulheres de forma desproporcional, já que a titulação da terra, por décadas, era feita exclusivamente em nome dos homens. A maioria das entrevistadas relatou episódios de violência ao tentar entrar nos babaçuais, e observou-se que a Lei do Babaçu Livre — legislações estaduais e municipais que garantem o livre acesso às palmeiras em áreas públicas ou privadas — não vem sendo efetivamente cumprida.

Adotar a interseccionalidade como lente analítica permite compreender como as violências — econômicas, simbólicas e físicas — não atuam de forma isolada, mas se sobrepõem e se potencializam mutuamente. Este artigo tem como objetivo apresentar o processo de construção do documentário "Raízes Entrelaçadas", visibilizando o protagonismo de quebradeiras e ribeirinhas do Tocantins por meio de uma abordagem interseccional e educomunicativa. Especificamente, descrevem-se a trajetória metodológica, as categorias emergentes das entrevistas e os resultados parciais.

Referencial Teórico

Nas pesquisas realizadas para aproximação ao tema, qual seja, grupos humanos comumente classificados como populações tradicionais (Ravena Cañete, 2023; Diegues; Arruda, 2001), observou-se que um dos grandes problemas apontados dentro dessas comunidades seria a perpetuação de violências normalizadas de diversas formas. No contexto dos PCT, a supervalorização da natureza nas representações midiáticas e políticas tende a invisibilizar as populações locais, que acabam excluídas dos debates e têm invisibilizados seus conhecimentos, suas práticas e seu lugar de sujeitos históricos centrais na resolução da crise climática (Diegues, 1994; Krenak, 2019).

Além da invisibilização político-epistemológica (Quijano, 2005), muitas dessas comunidades vivem isoladas dos centros urbanos, o que ocasiona escassez na oferta de serviços

públicos. O não acesso a serviços básicos desencadeia vulnerabilidades, principalmente para mulheres e crianças, como abuso, exploração sexual, trabalho infantil e homicídio (Segato, 2023).

A normalização de violências contra crianças e mulheres está estreitamente ligada à dependência financeira que as afeta, limitando suas possibilidades de romper com ambientes opressores e tendo, muitas vezes, o feminicídio como desfecho (Segato, 2006). Essa realidade é reforçada pelo machismo estrutural: o apoio social à vítima, quando existe, é frequentemente fragilizado por normas culturais e pela coesão comunitária fundamentada em padrões patriarcais.

Em um primeiro contato com quebradeiras de coco, realizado durante a Feira dos Povos do Cerrado, percebeu-se, contudo, outro lado da história: a força e a resiliência de mulheres que, em muitos casos, são lideranças de suas comunidades tanto nas dinâmicas culturais e políticas quanto na manutenção material de suas existências. São o que Paula Balduíno de Melo (2024) denomina matronas — lideranças femininas cuja centralidade na reprodução social e política foi analisada no contexto do Pacífico colombiano.

O lugar dessas mulheres como mantenedoras das condições materiais de suas comunidades conduz-as a um processo de autoemancipação e enfrentamento das violências de gênero ainda pouco tematizado. Trata-se de um autoletramento de gênero, possivelmente mais eficiente do que tentativas de letramento externas, muitas vezes oriundas de um feminismo branco pouco sensível à complexidade das relações sociais em contextos que não domina (Zakaria, 2021; Curiel, 2011).

Esse autoletramento é potencializado pela participação em movimentos sociais organizados, como o MIQCB, que desde a década de 1990 articula mulheres de quatro estados em torno da defesa do livre acesso aos babaçuais, da valorização do trabalho extrativista e do enfrentamento das violências de gênero. É no interior dessas redes que muitas mulheres passam a nomear as opressões que vivem, a reconhecer seus direitos e a construir estratégias de resistência que articulam o cotidiano doméstico à luta política mais ampla.

Ao perceber esse outro lado — da resiliência frente às diversas formas de violência e abandono —, o grupo redirecionou o problema de pesquisa das violências para as resiliências e as formas de luta e de vida capazes de adiar o fim do mundo (Krenak, 2021). Buscou-se, ainda, superar a separação ser humano-natureza que está na raiz da crise ambiental da modernidade (Krenak, 2019).

As crises ambientais vêm provocando impactos profundos nas populações tradicionais, afetando seus modos de vida, práticas culturais e relação com o ambiente natural.

A alteração no regime de chuvas, com secas mais prolongadas e cheias mais intensas, compromete a pesca, a agricultura e o acesso à água potável. A elevação do nível do mar e a erosão costeira ameaçam comunidades ribeirinhas, podendo forçar deslocamentos e a perda de territórios tradicionais. As mulheres são afetadas de forma desproporcional por estarem mais diretamente ligadas ao cuidado com a água, os alimentos e a saúde da família.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, alinhada aos princípios da pesquisa participante e da pesquisa-ação (Thiollent, 2011), uma vez que as pesquisadoras estabeleceram vínculo direto com as comunidades investigadas, compartilharam de seus cotidianos e produziram coletivamente um documentário que será devolvido às entrevistadas como instrumento de visibilização e luta política.

A pesquisa foi realizada em comunidades tradicionais localizadas no estado do Tocantins: a Associação de Pescadores de Tocantinópolis, cujas famílias vivem às margens do rio Tocantins e têm na pesca artesanal e na agricultura de subsistência suas principais atividades; e comunidades de quebradeiras de coco babaçu, incluindo a Associação de Quebradeiras de Coco de Axixá-TO, formada por mulheres extrativistas que organizam a coleta e o beneficiamento do babaçu de forma coletiva e associativa.

Participaram do estudo aproximadamente 13 mulheres, de diferentes gerações (idades entre 18 e 80 anos), selecionadas por critério de acessibilidade e indicação das lideranças locais. A diversidade etária e de trajetórias foi intencionalmente buscada para captar as continuidades e rupturas na transmissão da tradição entre mães e filhas, um dos eixos centrais do documentário.

A coleta de dados ocorreu em duas etapas complementares. A primeira consistiu em pesquisa bibliográfica e documental realizada entre março e agosto de 2025, com levantamento de artigos científicos, leis — a Lei do Babaçu Livre e a Lei da Piracema — e reportagens sobre a realidade das quebradeiras e ribeirinhas. Esse embasamento orientou a construção do roteiro temático das entrevistas. A segunda etapa foi o trabalho de campo, realizado entre setembro e outubro de 2025, com as seguintes técnicas:

a) Observação participante: as pesquisadoras acompanharam as atividades cotidianas das mulheres — a quebra do coco, a pesca, a preparação de alimentos e os momentos de convivência —, registrando em diário de campo as interações, os conflitos e as estratégias de resistência observados.

b) Entrevistas semiestruturadas de trajetórias de vida: foram gravadas em vídeo cerca de 5 horas de entrevistas. O roteiro contemplou os seguintes eixos: (i) modo de vida e cotidiano; (ii) saúde e condições de trabalho; (iii) protagonismo feminino, violência de gênero e emancipação; (iv) impactos das mudanças climáticas; (v) relação com a legislação; (vi) transmissão da tradição; (vii) planos para o futuro.

c) Registro audiovisual: além das entrevistas, foram realizadas filmagens do ambiente, do trabalho extrativista e dos momentos de sociabilidade, como a "cantoria das quebradeiras", prevista para abrir o documentário.

O material audiovisual bruto (aproximadamente 5 horas) foi submetido ao processo de decupagem, no qual as falas foram transcritas e organizadas por eixo temático. A análise seguiu os princípios da análise temática de conteúdo (BARDIN, 2011), com as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, cujas sínteses deram origem à narrativa do documentário e aos resultados aqui apresentados.

O produto central da pesquisa é o documentário "Raízes Entrelaçadas", com duração estimada de 20 a 25 minutos, em fase final de edição. O documentário será lançado no Festival de Curtas do IFB e, em parceria com o MIQCB, exibido em Tocantinópolis e devolvido às comunidades participantes em sessões comentadas, garantindo o caráter dialógico e não extrativista da pesquisa.

Resultados e Discussão

Os resultados evidenciam a centralidade das mulheres na organização social, econômica e cultural das comunidades visitadas. As participantes relataram trajetórias marcadas por trabalho intenso, dificuldades de acesso a direitos básicos e enfrentamento cotidiano de desigualdades de gênero. Os relatos demonstraram, contudo, fortes vínculos de solidariedade comunitária, orgulho identitário e valorização dos saberes tradicionais.

As falas das quebradeiras revelam que o trabalho com o babaçu representa não apenas subsistência econômica, mas também autonomia e liberdade. Em muitos casos, a renda obtida permitiu que mulheres sustentassem suas famílias, encerrassem relações conjugais violentas, ampliassem a escolarização dos filhos e reduzissem relações de dependência financeira. O trabalho coletivo está associado ao fortalecimento político e emocional: muitas relataram que adoeceram quando, por alguma restrição, foram privadas do contato com os babaçuais junto de suas companheiras.

a) Trabalho e cotidiano: entre o sofrimento e a "terapia"

As entrevistas revelaram que tanto as quebradeiras quanto as ribeirinhas enfrentam trabalho físico intenso, com consequências para a saúde: dores na coluna, problemas nas articulações e, no caso das quebradeiras, o risco de cortar os dedos com o machado. Paradoxalmente, o trabalho coletivo foi descrito como "terapia": um espaço de troca de afetos, alívio das tensões domésticas e fortalecimento de vínculos.

b) Protagonismo feminino e conflitos de gênero

Um dos trechos mais emblemáticos das entrevistas foi a declaração de duas mulheres ribeirinhas, Laura* e Jussara*: "Às vezes tem gente que fala que mulher não pode pescar [...] Nós, mulher, pode tudo que nós quiser". A principal ferramenta de emancipação apontada foi a autonomia financeira obtida pela venda do coco ou do peixe. Várias mulheres relataram que, ao terem sua própria renda, puderam deixar relações conjugais violentas ou negociar melhores condições dentro de casa. "Antes, eu pedia até dinheiro pra comprar sal. Hoje, o coco me dá liberdade. Não preciso de marido pra nada, só se eu quiser" (Quebradeira de Axixá, entrevista realizada em outubro de 2025).

Essa liberdade, no entanto, não é isenta de conflitos. Foram mencionados casos de homens que se sentem ameaçados pela independência feminina, gerando ciúmes e, em situações extremas, violência. A organização em associação mostrou-se um fator de proteção importante, por criar uma rede de solidariedade e um espaço de fala.

c) Impactos climáticos e legislação

As mudanças climáticas apareceram como preocupação concreta. Ribeirinhas de Tocantinópolis descreveram a intensificação das secas, que dificultam a locomoção de barco e reduzem a pesca. Quebradeiras relataram que as queimadas — naturais ou criminosas — estão mais frequentes e destrutivas. Ao mesmo tempo, as mulheres demonstraram conhecimento sobre a legislação: citaram a Lei do Babaçu Livre (Lei Estadual do Maranhão n.º 5.696/2019) e a Lei da Piracema, reivindicando sua efetiva fiscalização.

d) Transmissão geracional e a aposta na educação

O roteiro do documentário toca em um tema sensível: as jovens entrevistadas declararam não pretender seguir a vida de quebradeira ou ribeirinha. As razões incluem o

trabalho pesado, a baixa remuneração e o desejo de estudar e exercer outras profissões. Uma das jovens, identificada como Roberta[5], afirmou: "Minha mãe sofreu muito. Eu quero ser enfermeira, sair daqui, mas sem esquecer de onde vim". Esse movimento é visto pelas mulheres mais velhas com ambivalência: ao mesmo tempo que sentem orgulho da tradição e das oportunidades de estudo proporcionadas pelo trabalho com o coco babaçu, preocupam-se com a perda do saber ancestral. A educação é, portanto, o principal legado que essas mulheres desejam deixar para seus descendentes.

Conclusão

O projeto "Raízes Entrelaçadas" demonstra como a articulação entre pesquisa acadêmica, produção audiovisual e extensão pode contribuir para a visibilização de sujeitos históricos marginalizados. As mulheres quebradeiras e ribeirinhas não são vítimas passivas das mudanças climáticas nem da violência de gênero; ao contrário, são agentes que, apoiadas em suas redes de trabalho e afeto, constroem cotidianamente estratégias de resistência e autonomia.

Como desdobramentos futuros, a equipe pretende realizar exibições do documentário nas próprias comunidades pesquisadas e promover debates no IFB e em escolas públicas. Este artigo, ao sistematizar o processo e os resultados parciais, cumpre o papel de compartilhar uma experiência pedagógica e política que ultrapassa os muros da instituição, reafirmando o compromisso do IFB com a educação para a justiça social, de gênero e ambiental.

Referências Bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CARVALHO, Andressa Veras de; MACEDO, João Paulo. As guerreiras do babaçu: mulheres quebradeiras de coco em movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 421-441, maio/ago. 2019.

CURIEL, Ochy. Los límites del género en la práctica política feminista y las visiones académicas. In: GAVIRIA, Luz Gabriela Arango; VIGOYA, Mara Viveros (org.). **El género: ¿Una categoría útil para las ciencias sociales?** Bogotá: Escuela de Estudios de Género y el Centro de Estudios Sociales de la Universidad Nacional de Colombia, 2011.

DEHAENE, Stanislas. **Como aprendemos:** os quatro pilares com os quais a educação deveria ser construída. Porto Alegre: Artmed, 2022.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

[5] *Os nomes foram modificados para proteger a identidade das entrevistadas.*

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo (org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Nupaub, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

INGOLD, Tim. **Antropologia**: para que serve? Petrópolis: Vozes, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 1987.

MELO, Paula Balduino de. **Matronas Afro-pacíficas**: tramas da resistência na fronteira Colômbia-Equador. Brasília: Editora UnB, 2024. Disponível em: https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/664/900/8329. Acesso em: 09 out. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais — perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RAVENA CAÑETE, Thales Maximiliano. Populações tradicionais: origens, definições e usos dentro da antropologia brasileira. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 61, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.21680/2238-6009.2023v1n61ID28044. Acesso em: 01 out. 2025.

SEGATO, Rita. Qué es un feminicidio: notas para un debate emergente. **Série Antropologia**, n. 401. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2006. Disponível em: http://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

SEGATO, Rita. **As estruturas elementares da violência**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZAKARIA, Rafia. **Against White Feminism**: Notes on Disruption. New York: W. W. Norton & Company, 2021.